

## **SÃO JOÃO DA CRUZ: A NOITE ESCURA DA ALMA**

Pedro Oliveira

Muitas pessoas pensam que o caminho espiritual é um caminho de flores, de beleza, de felicidade, ou seja, um caminho sem maiores dificuldades. Na verdade, não é bem assim. O Dr. Carl Gustav Jung uma vez afirmou: “nós nos tornamos iluminados, não ao imaginarmos figuras de luz, mas ao tornamos a escuridão consciente”. Cada um de nós, cada pessoa, cada ser humano, possui essa dimensão obscura em si. Obscura no sentido de não conhecida, porque nunca se iluminou essa escuridão.

Como vimos nos versos de Rumi, ficar sempre desperto é uma forma de traição. Por quê? Porque se exercitamos as faculdades mentais todo o tempo, na forma de comparação, análise, expectativa, memória, nunca vamos além dessa dimensão conhecida. Existe toda uma área desconhecida no campo da mente que permanece escura. Os místicos revelaram nas suas obras que não é possível alcançar o conhecimento de si mesmo sem viajar na escuridão, sem conhecer essas outras dimensões do nosso ser. Eles também alertaram para o fato de que a menos que se tenha um preparo interno para isso, esta é uma jornada que pode ser aterrorizante.

Um dos grandes estudiosos da mitologia universal foi Joseph Campbell. Creio que o seu livro *O Poder do Mito* foi publicado pela editora Palas Atenas, como também *O Herói de Mil Faces*. Ele fez estudos profundos em várias mitologias, e nesse livro, *O Herói de Mil Faces*, ele afirma que existe um momento na trajetória do herói em que ele tem de encarar a sombra, a escuridão. Isso está representado em vários mitos. Se vocês viram a trilogia do *Senhor dos Anéis*, isso está muito presente para os integrantes da Companhia do Anel, sobretudo para Frodo, o portador do anel. Ele tem uma trajetória terrível porque tem a responsabilidade moral e espiritual de levar aquele anel para ser destruído na fornalha de Mordor, onde ele foi forjado. É o único lugar do mundo em que ele pode ser destruído. E o que salva a Companhia do Anel e o que salva Frodo, é exatamente esse preparo interior e esse senso de dever.

Joseph Campbell também afirmou que parte da trajetória do herói, em um outro estágio da sua aventura, muito próximo desse encontro com a escuridão ou com a sombra, é o encontro dele com o feminino. Não com o feminino como sendo externo a ele, mas o feminino como parte dele mesmo. Eu diria que esse lado feminino da consciência não está totalmente desperto. Não estou falando aqui de um gênero sexual, ou de algo meramente físico relativo ao homem ou a mulher, mas do conceito do feminino como sendo o lado feminino da consciência, ou seja, *buddhi*, a percepção espiritual. O lado masculino da consciência é o pensamento. Ele torna tudo conhecido: ao projetar imagens, ao conceber idéias, noções, conceitos. Mas na verdade, o que o pensamento chama de conhecido é apenas aparentemente conhecido, não é a totalidade que existe para ser conhecida. Então o

herói precisa se encontrar com o feminino. E os primeiros estágios desse encontro são escuros porque ele está tateando nas trevas, é algo totalmente novo. Os princípios superiores no ser humano, segundo a Teosofia, são os que estão além da mente: a intuição espiritual e a vontade espiritual. Na grande maioria dos seres humanos esses princípios estão latentes, inativos. Eles não estão operacionais e, portanto, estão numa área de escuridão. Eles não estão dentro do campo do nosso estado usual de consciência.

O poema de São João da Cruz sobre a Noite Escura da Alma é talvez uma das peças poéticas mais comoventes no que diz respeito a essa trajetória interna. Exatamente porque há momentos dessa trajetória através da noite em que, literalmente, a alma não sabe para onde ir e, no entanto, tem que continuar caminhando. Ele explica no seu comentário que a *Noite Escura da Alma* tem dois estágios, os quais são progressivamente arrepiantes para a alma. O primeiro estágio é a *Noite Escura dos Sentidos*. Nada no mundo sensorial motiva mais a alma: desejo, sabor, experiências. E como se a alma ou a consciência tivesse chegado a um estágio do seu desenvolvimento em que ela percebe, consciente ou inconscientemente, que todas as coisas sensoriais são transitórias. Naturalmente se estamos envolvidos nelas, não vamos considerar isso. Mas estamos considerando aqui uma jornada mística. A Dra. Annie Besant diz no seu livro *As Leis da Vida Superior*, que chega um momento na evolução da alma, depois de muitas existências -- e é um momento, talvez um instante, um segundo -- onde a alma tem essa certeza de que nada externo pode trazer-lhe a felicidade. E ela diz que esse é o ponto de transformação entre o que é chamado na tradição hindu de *pravritti-marga*, ou senda da exteriorização, e *nivritti-marga*, ou senda de retorno. Na primeira, a consciência está se exteriorizando cada vez mais, adquirindo experiências e crescendo através do obter coisas, do tomar da vida. Na segunda, a consciência percebe a transitoriedade essencial de tudo na vida e começa a trilhar o caminho de retorno a fonte, um estado de profunda unidade e Auto-realização. A palavra *nivritti* significa ausência de oscilações, e por isso é uma senda de estabilidade e de retorno à fonte, de retorno da consciência a sua verdadeira natureza.

Em *pravritti-marga* a lei é pegar, tomar, que é o que a consciência faz. A lei em *nivritti-marga* é dar, renunciar, compartilhar. Consideremos, por exemplo, um animal. É aconselhado não chegar muito perto de um animal que está tendo a sua refeição, mas se você observa objetivamente qualquer animal e tenta tirar, por exemplo, o osso de um cachorro ou o alívio de um pássaro, você verá a reação! Agora você passa para o reino humano, tenta tirar de uma pessoa algum pertence ou tenta arranhar sua autoimagem. Seguramente vai haver um problema. Há pessoas que não conseguem receber crítica. Portanto, o que a Dra. Besant está dizendo não é nada de novo. Este ensinamento é algo milenar na Índia. *Pravritti-marga* e *nivritti-marga* são os dois movimentos da evolução da consciência. Um é crescer adquirindo experiências, sensações, e elas têm o seu lugar. Você não pode colocar um adolescente dentro do seu quarto vinte e quatro horas por dia. Se o fizer, você vai deixar aquela pessoa doente. Um adolescente está cheio de energia. Ele ou ela quer desbravar o mundo; isto faz parte da condição de adolescente. Mas em termos genéricos, no caminho de exteriorização da consciência, ela necessita de estímulos e são os

estímulos externos que despertam as suas potencialidades. Na senda de retorno o que faz a consciência crescer não é mais o estímulo externo, mas a capacidade de dar-se em compreensão, em capacidade de ouvir, a capacidade de perceber, de apreciar. Elas são características que significam o dar-se de si mesmo. Tudo vai bem durante a senda de exteriorização e durante a senda de retorno porque a consciência vai aprendendo. O problema é o ponto de inflexão, e ele é a noite escura da alma. O ponto de inflexão é quando a consciência percebe que nada externo pode realmente lhe dar satisfação duradoura, e ela ainda não encontrou em si a fonte de satisfação permanente.

O que autores como São João da Cruz sugerem, é que é necessário um trânsito pela escuridão. Num livro clássico do misticismo cristão, *A Nuvem do Desconhecimento*, um dos ensinamentos é o seguinte: “tente sentir-se à vontade nessa escuridão”. Vou dar um exemplo: Você está na sua casa fazendo algumas coisas, levando a sua vida normalmente, e de repente tem um apagão. Talvez por alguns segundos exista uma tendência a um certo desconforto. O que você precisa fazer? Você precisa acalmar-se e provavelmente na sua mente procurar saber onde estão as velas ou o fósforo. Por quê? Porque a escuridão se torna um fato. Ela não é uma coisa que foi gerada por você. Ela é um fato. Da mesma forma no que diz respeito à senda espiritual. Vai haver momentos no desenvolvimento de cada um de nós em que vamos ter que atravessar essa noite, às vezes várias vezes. Isto faz parte do nosso processo evolutivo, é algo natural porque essa é a maneira da mente aprender a dar valor ao que ela não conhece. Foi isso que São João da Cruz disse: *o primeiro estágio é a noite escura dos sentidos*. Se tem um apagão, você não pode escutar sua música, não pode ver um DVD, não pode ler um livro, não pode fazer nada do que você normalmente fazia. Ou seja, o que acontece? Você fica com você mesmo, você medita se você tem condições para isso. Essa é a noite escura dos sentidos. Nada externo, nada sensorial atrai ou tem sentido.

Se isso já é difícil, em seguida vem o segundo estágio, que São João da Cruz chama de *Noite Escura do Espírito*. Aí a coisa é bem mais complicada, pois não é apenas a ausência de estímulos sensoriais, a ausência de interesse em estímulos sensoriais; é, na verdade, a perda progressiva de interesse em vários aspectos da vida, sobretudo, a perda fé, a perda da crença nos valores que norteavam a sua vida. Vocês imaginem onde vocês estariam se estivessem nessa condicao. O que aconteceria se lhes fossem retirados, por essa noite densa, o seu sentido de autoconfiança na Lei, no ensinamento que lhes é caro, a fé numa realidade divina? E por que isto é necessário, segundo São João da Cruz? Porque esta é uma experiência de purgação.

A maioria de nós -- talvez a totalidade de nós -- quando alberga uma fé, uma crença ou um valor, isto é agregado a nós em cima de uma série de outras pressuposições. Por exemplo, eu posso dizer: “eu acredito em Deus”. Mas essa crença vem em cima de uma série de outras crenças. Não tenho nenhuma prova da existência de Deus, mas eu acrescento essa fé a mim mesmo. E porque essa fé foi acrescida, porque ela não veio de dentro, então a noite escura vai varrer com ela, não no sentido de destruir a alma, como a gente vai ver mais

tarde, mas vai varrer com ela porque nesta jornada da alma a única bagagem que a alma pode ter é uma fé que nada pode destruir. E esta fé não vem com crença, não vem com leitura; ela tem que vir de dentro. E como vimos em Meister Eckhart, ela só vem naquela profundidade da alma onde não existem mais imagens, nem conceitos, nem atividade da memória, porque se houver esses, a mente está só tagarelando consigo mesma. Nessa segunda noite que é a noite escura do espírito, a mais brutal de todas, a alma perde tudo, ela perde até a fé. *Ela perde a fé*. E não sobra nada. Mas São João da Cruz esclarece: que aquilo que parece para a alma uma noite escura, na verdade é um processo de aproximação com Deus, causado por Deus, porque a alma se tornou despida de qualquer orgulho, de qualquer ilusão. Ele diz: “somente aqueles que Deus quer fazer com que se unam a Ele, Ele os faz atravessar a noite escura”. Se vocês lerem a carta que um dos Mestres escreveu ao irmão Leadbeater, ela trata exatamente disso: “solidão, abnegação, martírio e morte, são os encantamentos que agem no coração do discípulo na hora da provação”. É claro que cada pessoa vai responder a esse processo de forma diferente, mas é uma etapa necessária da evolução. Ela não vem a todos da mesma maneira porque cada alma tem uma trajetória individual, pois o universo não é uma linha de montagem. Mas o fato é que não é uma passagem ou uma transição fácil. Vou apresentar o poema e depois comentar alguns trechos. Notem que a linguagem dele é uma linguagem mística e também sensual porque o encontro entre o amado, que é Deus, e a amada, que é a alma, se dá nesse contexto.

*Em uma noite escura  
inflamada por ânsias de amores,  
ó jubilosa aventura,  
saí sem ser notada,  
estando já a minha casa sossegada.  
Às escuras e segura,  
através da escada secreta disfarçada,  
ó jubilosa aventura,  
às escuras e em segredo  
estando já a minha casa sossegada.  
Na noite jubilante, em segredo,  
quando ninguém me via  
nem eu enxergava coisa alguma,  
sem outra luz e guia  
senão aquela que no coração ardia.  
Esta me guiava mais certa que a luz do meio-dia  
onde me esperava quem eu bem sabia  
em um lugar onde ninguém aparecia.  
Ó noite que guiaste,  
ó noite mais amável que a alvorada,  
ó noite que juntaste amado com amada,  
amada no amado, transformada.  
Em meu peito florido que inteiro para ele só se guardava,*

*ali ficou adormecido, e eu o olhava  
e o balançar dos cedros sussurrava.  
O ar da torre, quando eu seus cabelos alisava,  
com sua mão serena meu pescoço feria  
e todos os meus sentidos suspendia.  
Lá fiquei e esqueci-me.  
Reclinei meu rosto sobre o amado,  
tudo cessou e soltei-me  
deixando minha preocupação perdida entre os lírios.”*

É no meio dessa noite que se dá a união entre a alma e Deus. Enquanto a alma não passar por essa noite, ou seja, enquanto a alma não for além dela mesma, não consegue se preparar para receber Deus que, misteriosamente, estava oculto dentro dela. O Divino não está fora de nós. Isto é uma noção errônea, produto da ignorância primordial. O Divino está oculto dentro da consciência.

*Em uma noite escura,  
inflamada por ânsias de amores,  
ó jubilosa aventura,  
saí sem ser notada,  
estando já minha casa sossegada.*

Existe um sentido de jornada neste trecho, de movimento, de caminhar. A casa sossegada é a metáfora dos sentidos e da mente em paz. A natureza pessoal -- corpo, emoções e mente - - estão apaziguados. Sem isso não tem jornada.

*Às escuras e segura  
através da escada secreta disfarçada,  
ó jubilosa aventura,  
às escuras e em segredo,  
estando já minha casa sossegada.*

Às escuras... Ou seja, não é uma questão de percepção consciente, não é uma questão de intencionalidade – eu quero chegar lá. Na jornada mística não existe o “eu quero chegar”, não existe a intencionalidade. Ao contrário, esse sentido de intencionalidade tem que ser acalmado porque a intencionalidade é uma outra expressão do eu separado.

*...através da escada secreta disfarçada...* Ora, essa escada significa uma conexão entre diferentes dimensões, entre um nível e outro, o que indica que a alma está buscando um nível mais profundo, mas ainda sem saber que nível é esse. Ela está buscando porque a ânsia da alma é encontrar Deus ou o Divino dentro de si.

... *na noite jubilante em segredo quando ninguém me via...* Isso indica que os sentidos foram obliterados, pelo menos parcialmente. Trata-se de uma jornada interior. Santa Tereza de Ávila escreveu sobre o *Castelo Interior*. É uma jornada interior, não uma questão sensorial de ver o que está fora, mas é um mergulho em si mesmo.

... *em segredo quando ninguém me via nem eu enxergava coisa alguma...* não estamos falando aqui da mente consciente, da mente concreta, mas de uma jornada a uma dimensão mais profunda da mente.

... *sem outra luz e guia senão aquela que no coração ardia*. A luz do coração é, neste caso, uma fé. Não necessariamente uma fé adquirida de fora, pois se a sua fé está baseada em algum elemento externo, se a casa balançar a fé fraqueja. Esta fé é de uma ordem diferente, pois ela vem de dentro.

... *Esta me guiava mais certa que a luz do meio-dia*. Que luz é essa que pode ser mais brilhante do que a luz do meio-dia, que é a luz mais brilhante que se conhece? A luz do meio-dia é o ápice de luminosidade durante o dia. Pois a luz que brilha na alma é mais intensa que ela porque provém de uma fonte atemporal. Ela não provém de uma fonte que oscila. A luz do meio-dia em poucas horas se torna em entardecer, ocaso e noite. Mas não a luz da alma, cujo sol jamais de põe.

*Mais certa que a luz do meio-dia, onde me esperava quem eu bem sabia*. Isto significa que a alma está indo para um encontro amoroso. Não é nada mais, nada menos do que isso. É uma forma de paixão espiritual. Se vocês lêem os diários de Krishnamurti, ele enfatiza isso. Quando existe inteligência, existe paixão, não a paixão por algo, pois a paixão por algo começa e termina, mas a paixão em si é energia ilimitada, ela move montanhas.

Depois da sua conversão na estrada de Damasco, São Paulo se tornou tão apaixonado que ele incendiou o Oriente Médio com a mensagem cristã. Ele construiu o alicerce da futura igreja porque ele tinha essa luz dentro dele. E por isso ele foi encarcerado, torturado e tudo o mais.

...*onde me esperava quem eu bem sabia, em um lugar onde ninguém aparecia...* Não havia imagens, não havia atividade mental naquele nível. É um nível contemplativo onde já não aparecem imagens. Vejam quão distante isso está da nossa experiência diária, onde a mente está construindo imagens o tempo todo.

Esse aqui é o verso central do poema:

*Ó noite que guiaste...* foi a noite – o que é um paradoxo – a noite que é ausência de clareza, ausência de direção, essa noite foi a guia.

*Ó noite que guiaste,  
ó noite mais amável que a alvorada,*

*ó noite que juntaste amado com amada,  
amada no amado transformada.*

Quando a alma saiu nessa jornada, o único guia era sua própria fé interior. Ela nada via, não havia imagens, não havia um destino sequer, mas havia essa ânsia de encontrar. Vamos ver isso em Martin Buber também. A existência é encontro, o universo é um universo relacional.

*... em meu peito florido  
que inteiro para Ele só se guardava,  
ali ficou adormecido e eu o olhava,  
e o balançar dos cedros sussurrava.*

Não parece um encontro romântico? É uma metáfora belíssima porque é um encontro, um encontro de amor, de entrega completa, de fusão, de paz. E esse encontro é abençoado pelo balançar dos cedros, na brisa. A natureza se rejubila com esse encontro. Há uma passagem em *A Voz do Silêncio* que diz que quando um Arhat alcança esse grau, que é quase o final da senda espiritual, a natureza inteira se regoziza. Porque de alguma forma, através daquela pessoa ou daquela alma, mais bênçãos e mais influência espiritual vai fluir sobre o mundo.

*...o ar da torre quando eu seus cabelos alisava,  
com sua mão serena meu pescoço feria  
e todos os meus sentidos suspendia.*

Esse é um outro estado de consciência. O senhor Leadbeater, no volume três das *Palestras sobre a Senda do Ocultismo* -- infelizmente ainda não traduzido ao português -- tenta descrever a consciência búdica. Ele disse que quando essa consciência é desperta, o sentido de unidade com tudo é tão intenso que o senso de *eu* praticamente desaparece. Porque tal consciência é como se fosse um oceano, é algo vasto. No livro *Os Mestres e a Senda* há uma passagem muito interessante, onde é dito que em um diálogo com um dos Mestres que inspirou a fundação da Sociedade Teosófica, foi mencionado que um determinado membro da Sociedade, que era muito ativo, devotado, nunca tinha alcançado uma conexão consciente com os Mestres. Então o Mestre que a quem foi dirigida a pergunta, eleva o discípulo que a fez a um plano de consciência mais elevado, de onde os Mestres percebem a humanidade como um todo. Provavelmente aquele plano talvez fosse o plano causal, talvez até mesmo os começos do plano búdico. E desde aquele plano, a consciência da humanidade é como se fosse uma noite escura, vasta. Imaginem vocês chegando de avião numa cidade pequena, sem muitas luzes acesas. Naquele plano existe uma escuridão abrangente e algumas luzes. O Mestre diz: “você vê, essas luzes são daqueles que despertaram em si a aspiração espiritual e, portanto, nós vamos até eles. Eles não podem ficar desconhecidos para nós”. E quem quer que acenda esse sentido de aspiração espiritual atrai a atenção desses Grandes Seres. Não para beneficiá-los de uma forma pessoal, mas porque essas pessoas, esses aspirantes, podem vir a se tornar Seus auxiliares.

O verso final completa o poema e o ensinamento de São João da Cruz sobre a Noite Escura da Alma:

*Lá fiquei e esqueci-me.*

Esquecer-se de si mesmo não significa se tornar irresponsável, mas é algo mais profundo. E aqui eu vou mencionar uma passagem da vida do senhor N. Sri Ram, quinto presidente internacional da Sociedade Teosófica. Ele estava em um Congresso Europeu da ST e um delegado da Islândia perguntou-lhe: “Sr. Sri Ram, o senhor conseguiria resumir numa só frase todo o seu ensinamento?” Ele disse: “posso tentar”. No outro dia de manhã, ele desceu do seu quarto para o café da manhã com um pequeno recorte de jornal. Na margem do recorte ele escreveu: “Quando você é uno com todos os corações que batem, você não é nada em si mesmo”. A senda espiritual não é uma senda de autopreservação; é uma senda de amadurecimento espiritual.

O último verso diz:

*Lá fiquei e esqueci-me.  
Reclinei meu rosto sobre o amado.*

Essa experiência é contato, é algo que acontece numa intimidade muito profunda da alma. A seguir vem talvez a parte mais bonita do poema:

*Tudo cessou.*

Todo o sofrimento, todas as preocupações, toda a luta interior, toda a solidão, cessaram.

*Tudo cessou e soltei-me.*

A palavra sânscrita que representa libertação é *moksha*. E ela vem de um verbo, *muk*, que significa “soltar”. Portanto, a verdadeira libertação é um completo soltar-se. Não é tentar aprisionar as experiências, determinar e condicionar as experiências. Não há nada para ser determinado nem condicionado porque existe apenas um mistério a ser conhecido e com o qual se comunga. Quando ocorre essa comunhão, existe uma consciência totalmente nova.

*Tudo cessou e soltei-me  
deixando minha preocupação perdida entre os lírios.*

Aquilo que começa como uma noite escura é, na verdade, uma integração serena com a natureza e com a beleza. Esse sentido de beleza é muito importante. Em nosso museu internacional em Adyar, em Chennai, Índia, existe a estátua de um artista dinamarquês, em mármore branco, de uma menina pequena carregando seu irmãozinho. Ele já tem talvez uns



dois anos, ou algo assim, e ela é uma menina de uns sete, oito anos. Ela é pequena ainda, mas está carregando o irmãozinho. E a história dessa estátua é a seguinte: perguntaram para a menina: “ele não é muito pesado para você?” E ela disse: “não, ele é meu irmão”. A experiência da Noite Escura da Alma nos revela uma compreensão totalmente nova sobre a vida e o seu misterio.